

Depois de anular uma arma que poderia ser utilizada por seus adversários no jogo sujo das redes sociais durante o período eleitoral, ao **Correio** ele deixa claro que, na vida pública, é preciso não ter nada a esconder. Mesmo que isso exponha a intimidade

“Talvez esteja abrindo caminho para alguém”

» SARAH TEÓFILO

O anúncio feito pelo governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, na última quinta-feira, no programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo, teve o condão de precipitar o debate eleitoral de 2022 para questões envolvendo costumes e sexualidade. Ao afirmar para o apresentador Pedro Bial “sou um governador gay, não sou um gay governador”, anulou aquilo que poderia ser uma arma de adversários eleitorais para tentar desqualificá-lo — e usar essa questão no jogo sujo das redes sociais, atrelando-a a mentiras.

O PSDB não é um partido que carrega um certo conservadorismo? Esse anúncio do senhor vai prejudicá-lo nas prévias, em novembro?

Eu discordo que seja um partido conservador. Acho que tem uma visão mais progressista, mesmo que não seja a bandeira do partido. Mas sempre trabalhou em prol da diversidade. Nunca defendi voto em mim porque eu sou o jovem. Também não vou defender voto em mim porque sou gay. Não é algo que me torne melhor ou pior, me torna diferente.

Mas o senhor acha que não o prejudica nas prévias?

Tenho confiança que não prejudica.

E com o eleitorado?

O mais importante de tudo é deixar claro que não tenho nada a esconder. Para que fique claro que, mesmo sendo um tema ainda sensível para muitos, não há nada a esconder. Se as pessoas estão buscando integridade, podem ter certeza que do lado daqui tem um político que se apresenta por inteiro. Eu busquei, com esse movimento, ser absolutamente transparente em relação a um tema que eventualmente pode afastar determinados públicos. Mas (a minha orientação sexual) não é carro-chefe da campanha, nem da minha atuação política. O que importa é a capacidade de tocar na vida dos outros. Agora, ter a coragem de publicamente falar sobre este tema, num país que

“Alguém tem que abrir esse caminho para mostrar que não é um assunto. Então, eventualmente, o meu papel é o de mostrar que isso é um ‘não assunto’, mesmo que, para mim, signifique não alcançar determinadas posições, mas talvez esteja abrindo caminho para que, no futuro, alguém possa”, afirmou.

Ao anunciar ser gay num programa de tevê, o movimento do governador foi interpretado por alguns como um elemento de aglutinação de um público que não é alcançado pelo governador João Doria — contra o qual disputa a indicação do PSDB para a candidatura presencial, junto com o senador Tas-

so Jereissati (CE) e o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio Neto, nas prévias de novembro —, nem por uma grande parte dos partidos de centro, já que a bandeira LGBTQIA+ é tradicionalmente das legendas de esquerda. Leite ressalta que a questão gay seja um assunto a debater.

“Nesse momento que o Brasil tem essa crise de integridade, entendi que era importante me apresentar desde o início dessa trajetória para o meu partido. Entendi que era o momento de falar. Não teve qualquer cálculo do ponto de vista político-eleitoral”, afirmou.

Confira a seguir os principais pontos da entrevista concedida ao **Correio**:



Estou menos preocupado com o resultado eleitoral, se vai me prejudicar, mas com um valor que para mim é muito importante, que é de honestidade e transparência. Não tratei desse tema antes porque não era um tema nas outras campanhas”

tem uma liderança homofóbica, como a do presidente (Jair Bolsonaro), a coragem, sim, pode ser um atributo que faça com que as pessoas votem em mim, mas não a orientação sexual.

Mas o senhor tem receio de que isso o prejudique, tendo em vista que o Brasil é um país homofóbico?

Já tive muito espaço para mostrar minha capacidade de gestão, minha capacidade política, estou tranquilo em relação ao que posso fazer para o país. E se for um problema ainda para muita gente, paciência. Alguém tem que abrir esse caminho para mostrar que isso não é um assunto. Quantas mulheres, há 100 anos, lutaram por representatividade feminina, e elas não conseguiram, mas abriram caminho para outras? Então, eventualmente, o meu papel é o de mostrar que isso é um ‘não assunto’, mesmo que para mim signifique não alcançar determinadas posições. Mas, talvez, esteja abrindo caminho para que, no futuro, alguém possa. Estou menos preocupado com o

resultado eleitoral, se vai me prejudicar, mas com um valor que, para mim, é muito importante, que é de honestidade e transparência. Não tratei desse tema antes porque não era um tema nas outras campanhas. Mas, nesse caminho novo que se apresenta, se transformou num assunto, e por isso eu deixo claro para que não seja acusado, de forma nenhuma, de estar escondendo qualquer coisa.

O Aécio (Neves, deputado) disse, em entrevista, que o PSDB tem que tomar cuidado para não deixar de existir. O senhor acha que o partido está correndo risco de extinção?

Não entendo que haja um risco. O partido tem uma história. Mas, de fato, há um momento político ainda diferente no país que teve impacto nos partidos mais tradicionais. A gente veio de um ambiente de Lava-Jato, de frustrações do eleitorado com os partidos tradicionais, que geraram a diminuição dos partidos maiores. Não tem uma preocupação do partido de desaparecer, mas



Ter a coragem de publicamente falar sobre este tema, num país que tem uma liderança homofóbica, como a do presidente (Jair Bolsonaro), a coragem, sim, pode ser um atributo que faça com que as pessoas votem em mim, mas não a orientação sexual”

Facebook/Reprodução



acho que é legítimo que se tenha uma preocupação em como recuperar a conexão com o eleitorado.

O senhor acha que o nome do governador de São Paulo, João Doria, depois da atuação na pandemia em favor da vacinação, já deveria ter crescido mais nas pesquisas?

O tema que a população está mais vinculada é a pandemia, no qual o governador mais teve evidência. Tem que se entender que pesquisa não é eleição. Mas, de fato, há de se compreender porque, eventualmente, esse resultado nas pesquisas não se apresenta ao governador. Como eu disse e insisto, (Doria) tem meu respeito, acho que faz um governo importante, tem o seu mérito nas vacinas. Mas, talvez, o eleitor esteja procurando algum outro tipo de caminho.

» **Conversas com diretórios**

O governador Eduardo Leite (RS) tem se movimentado pelos diretórios do PSDB para emplacar o seu nome nas prévias da sigla para disputar a presidência da República. Após o evento no diretório do DF, foi a um almoço na casa do senador Izalci Lucas, presidente do PSDB-DF. Na mesa, entre os assuntos abordados, falou-se do anúncio do tucano sobre a sua sexualidade. Ele, porém, tem deixado claro dentro e fora do partido que esse não será o “carro-chefe” de uma eventual campanha presidencial. O encontro teve a presença do senador Reguffe (Podemos-DF), dos deputados Paula Belmonte (Cidadania-DF), Rodrigo de Castro (PSDB-MG) e Professor Israel Batista (PV-DF), e da ex-senadora Ana Amélia Lemos. Izalci tem conversado com os senadores Reguffe e Leila Barros (PSB-DF) para formar uma frente única contra o atual governador do DF, Ibaneis Rocha, em 2022. No evento no diretório, o governador gaúcho elogiou a atuação de Izalci no Senado.

Tema passa a ser desafio para conservadores

» DENISE ROTHENBURG

Ao assumir publicamente que é gay, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, pré-candidato do PSDB ao Palácio do Planalto, no ano que vem, colocou o assunto na campanha eleitoral de 2022 e impôs aos conservadores o desafio de tratar desse tema sem perder votos do segmento LGBTQIA+, que a cada dia se mostra mais influente. Por enquanto, os integrantes da ala do bolsonarismo raiz, como a deputada Bia Kicis (PSL-DF), defen-

dem que, em relação ao governador gaúcho, o tema seja simplesmente deixado de lado. “A postura é: ninguém tem nada a ver com isso. Cada um tem a sua opção”, diz.

A parlamentar, assim como muitos deputados, estranhou o fato de Leite fazer o anúncio num programa de tevê, na maior emissora do país. Colegas dela na Câmara acreditam que, embora o governador negue, houve, sim, um cálculo político. “No Rio Grande do Sul, nunca foi segredo”, comentou o deputado Evair de Melo (PP-ES), ligado ao

presidente Jair Bolsonaro.

Cálculo político ou não, o fato é que Leite, conforme o leitor do **Correio Braziliense** já sabe, se tornou mais conhecido e liderou os tópicos de busca do Google no final da semana passada — sinal de que as pessoas queriam saber quem ele era. A ideia, agora, entre os tucanos é fazer com que essa “curiosidade” leve as pessoas a buscarem informações sobre gestão do governador gaúcho, algo que os aliados de Leite querem usar como cartão de visitas para convencer o próprio PSDB a fazer

dele o candidato a presidente da República, nas prévias de novembro.

A aposta geral é a de que Leite surge como um nome capaz de tirar votos da centro-esquerda, mas não conseguirá adentrar no eleitorado mais conservador. Bia Kicis, por exemplo, considera que nem deve haver tática eleitoral para tratar desse tema. “Não tem tática em relação a isso. Os conservadores de hoje não são iguais aos da década de 1960, que abominavam a homossexualidade. Hoje, (os conservadores) não são contra. Porém não queremos que

seja estimulado, tratado como um padrão ideal”, diz a parlamentar.

A deputada do PSL praticamente repete o que foi dito pelo presidente Jair Bolsonaro a apoiadores, na semana passada, ao comentar a entrevista ao programa *Conversa com Bial*, da Rede Globo, quando o governador gaúcho mencionou sua opção sexual. “Ninguém tem nada a ver com a vida particular de ninguém. Agora, querer impor o seu costume, o seu comportamento para os outros, não”, reagiu. Essa postura de Bolsonaro, porém, foi vista como um avanço rumo ao seu grupo político. Afinal, quando deputado, em 2011, ele se declarava “incapaz de amar um filho homossexual”.

O GDF não para de investir no combate à pandemia.

Thalita Passos
Enfermeira do HRAN

Higienize as mãos com frequência.

O uso de máscara é obrigatório.

Evite aglomerações.

500 mil testes realizados. Maior testagem do Brasil.

